

“WHITE SETTLERS IN THE TROPICS”

A. Grenfell Price

(PUBLICAÇÃO N.º 23 DA AMERICAN GEOGRAPHICAL SOCIETY)

A possibilidade da colonização efetiva, isto é, por várias gerações sucessivas, dos trópicos, pelo homem branco, continua tema muito controvertido. Vários fatores condicionam e se opõem à radicação do branco nas zonas tropicais, e as reações entre esses agentes e os colonizadores, ainda mal conhecidas, estão longe de legitimar quaisquer conclusões de caráter definitivo, favoráveis ou não, considerado o assunto em toda a sua plenitude. Um dos fatores, e talvez o menos controlado cientificamente até aqui, por falta de dados e estudos — o clima — é, por isso mesmo, o que dá lugar a opiniões mais extremas. Entre as convicções mais descrentes da aclimação do homem branco em climas tropicais, afora as da escola huntingtoniana, sobejamente conhecida, costuma citar-se de preferência, a do DR. ANDREW BALFOUR, considerado uma das maiores autoridades na matéria. Expressa-se ela — “No que concerne à raça, estou persuadido que o trópico, quente e úmido, não se presta à colonização branca, e, o quanto nos permite afirmar o conhecimento atual da questão, jamais se prestará, ainda que tais zonas pudessem tornar-se tão saudáveis quanto a Inglaterra”. Os mais otimistas, como MANSON, SAMBON, GORGAS e GUITERAS, repelem vigorosamente essa condenação, aparentemente irrecorrível. Entre nós, outro grande médico, e não menor espírito, AFRÂNIO PEIXOTO, apóia com todas as forças essa escola. Em seu livro recente de antigas crenças, *Clima e Saúde*, chega a declarar peremptoriamente — “O homem é cosmopolita, se tem juízo. Juízo é que é necessário, e não o clima. Há, pois, uma arte de ajudar o clima ou de vencer o clima, adaptando-se a ele. Essa arte é a higiene. Depois há que esperar tudo. Antes, deve começar-se por conformidade e educação...”

A valiosa obra de GRENFELL PRICE, uma das mais recentes monografias editadas pela prestigiosa e esforçada American Geographical Society, procura resumir toda a argumentação em torno dessa difícil quanto momentosa contenda. O autor, em tratando do problema *geral* da colonização branca nos trópicos, não considera apenas o clima, mas também outros fatores que, naturalmente, complicam as reações observadas, como as características raciais, as doenças parasíticas, o nível cultural, o isolamento, o regime dietético, a higiene, e as propensões sociais cambiantes. Contudo, o clima é o agente primordial, dele dependendo, em parte, os demais.

O livro está dividido em três partes. A primeira, intitulada — *Natureza e História do Problema da Colonização do Branco nos Trópicos* — compreende os quatro capítulos seguintes: O problema da colonização do branco nos trópicos; as invasões precientíficas dos trópicos; os fracassos britânicos nas Índias Ocidentais; as invasões científicas dos trópicos. A segunda parte, dedicada a estudos regionais de alguns casos de colonização branca nos trópicos, abrange mais sete capítulos: As margens dos aliseos — Flórida e Queensland (capítulo para cada região); as ilhas das Índias Ocidentais sob os aliseos; a Austrália tropical; os planaltos tropicais de Costa Rica e América do Sul; os planaltos tropicais africanos; os americanos no Panamá. Na terceira parte, descritiva dos fatores que condicionam e controlam a colonização do branco nos trópicos, grupam-se seis outros capítulos: problemas raciais; alguns fatores ambientais; aclimação e saúde, em dois capítulos, um com estudos climatológicos e estatísticos, e outro, com estudos patológicos, psicológicos e fisiológicos; dieta, vestuário e exercício; problemas administrativos e econômicos.

Enriquece extraordinariamente a obra de PRICE, quatro apêndices remarcáveis de ROBERT G. STONE, brilhante e erudito meteorologista do observatório americano de Blue Hill, da Universidade de Harvard, e festejado redator chefe do conhecido e precioso *Bulletin* da American Meteorological Society. Estes apêndices de verdadeiro mestre, se intitulam: Alguns resultados da pesquisa fisiológica moderna, relativos à aclimação aos trópicos; zonas de conforto e aclimação; uma nota sobre o poder refrigerante; bibliografia adicional de fisiologia e aclimação aos trópicos.

Ninguém melhor que o próprio autor resumiria esta importante obra. Como ele inclui na mesma um capítulo final, com sumário e conclusões, julgamos de melhor aviso traduzi-lo para o leitor dessas ligeiras notas, em lugar de tentarmos nova recapitulação, muito menos expressiva. Antes de dar a palavra a GRENFELL

PRICE, devemos salientar o grande valor científico e cultural de seu livro. Embora não chegue a conclusões bem definidas, e, muito menos definitivas, o que, por isso mesmo, dada a matéria, lhe realça sobremaneira, desta, o judicioso tratamento, não há, indiscutivelmente, assim enfiadas, melhores, mais amplas e mais idôneas explanações, em qualquer outra obra existente sobre o tema versado. Trata-se pois, de livro de referência de maior autoridade. A colaboração de ROBERT STONE deverá igualmente ser destacada, e quase pelos mesmos motivos; as suas notas e comentários são sempre ponderosos, e calçados, absolutamente, nas melhores fontes e mais atualizadas. Para essa parte capital de seu livro, GRENFELL PRICE não poderia ter-se associado a colaborador mais competente, hábil e erudito. Vejamos agora como PRICE condensa, êle próprio, a sua substanciosa monografia :

“Volvamos às primeiras interrogações. Porque, em geral, há malogrado a colonização branca nos trópicos? Será que começa, agora, a melhorar a situação? Serão os esforços nesse sentido, afinal, coroados de êxito? Não é difícil dar a essas perguntas, respostas superficiais: que obstáculos vários, particularmente a doença, tem impedido o progresso da colonização branca, e que a situação melhora com o avanço da ciência, cuja maior expansão poderá garantir, por fim, pleno sucesso. Infelizmente, essas respostas são demasiadamente simplistas. Os capítulos anteriores apontaram o número e a complexidade dos fatores envolvidos — humanos, ambientais e culturais — que armam êsse problema, e quão profundamente difícil se nos depara a sua análise basilar. Como diz LUCIEN FEBVRE em sua “A GEOGRAPHICAL INTRODUCTION TO HISTORY” — “Apenas atingimos aquela fase do Gênesis em que mal se distingue a luz nas trevas”. A expansão do conhecimento científico, revela continuamente novas modalidades de interação entre o homem e o que o cerca, e enquanto se não descobrem e elucidam tôdas as interações, há grave risco de se tornarem prematuras quaisquer generalizações. Cresce que, nem o homem ou o seu ambiente é de natureza estática. O esforço humano se evidencia em fluxos e refluxos. Os fatores mesológicos aparecem e desaparecem. Há ainda que contar com o fortuito, já que os fatores, além de causais são também casuais.

Contudo, embora devamos acentuar a profunda dificuldade do problema, e a pobreza relativa dos conhecimentos disponíveis, nos será lícito admitir que a história, a observação, assim como as investigações estatísticas e de laboratório, tem proporcionado alguns fatos definidos, no tocante aos vários tipos de ambientes tropicais, e, à interação entre estes e determinados grupos da raça branca. A humanidade tem obtido nos trópicos dados incontestes sobre localidades geográficas, solos, climas, flora, fauna, doenças parasitárias, e outros fenômenos. Existe, de igual, alguma informação quanto às reações de tais fenômenos sobre o homem branco, no que concerne a elementos como a pigmentação, a resistência à infecção, a dieta e aos padrões de vida. Sobrelevam certos fatos, devidamente comprovados, que dizem respeito ao contacto racial — por exemplo: densidade demográfica, a vigência permanente do cruzamento, a preterição de grupos avançados por outros dispostos a aceitar padrões de vida inferiores, e a pressão, política e econômica, exercida pelas populações locais e dirigidas de além-mar sobre os brancos estabelecidos nos trópicos.

Para além desses fatos já constatados, relativos à colonização branca, estende-se vasta massa de dados incertos e de teorias insustentáveis. Dêstes últimos poderemos citar assuntos controvertidos, como as variações de inteligência racial, as relativas capacidades de povos e indivíduos para se ajustarem psicológica ou fisiologicamente aos climas tropicais, mercê de processo conhecido pelo nome de — aclimação, os resultados da miscibilidade dos grupos antropológicos, às teorias sobre os *ótima* climáticos, e sobre o clima e a raça. Sem perder de vista os limites e as incertezas dos conhecimentos existentes, passemos a resumir os fatos, problemas e conclusões mais conspícuos, ventilados em capítulos anteriores dêste livro.

Fatores do Meio Varia a acessibilidade das regiões tropicais. Da acessibilidade a qualquer país decorrem resultados de ordem externa e interna. Entre os primeiros, estão a pressão das populações estranhas e a proximidade dos mercados de fora; os últimos, compassam os problemas de comunicações e transporte internos. A acessibilidade pode ou não ser vantajosa para as comunidades brancas. O isolamento das comunhões brancas de Costa Rica, sobre os planaltos da América Central, constitui, provavelmente, o motivo principal de as haver isentado da absorção pelos povos indígenas, índios, ou pelo negro, ádvana. Por outro lado, “os vales andinos orientais seriam zonas ideais de colonização, se tivessem acesso litorâneo. Na situação em que se encontram, o seu desenvolvimento só se verificará quando mais densa a população da terra, e se fizer sentir então a conseqüente procura maior de seus produtos”.

No tocante ao solo, aumentam os dados, ao mesmo tempo que se dissipa a velha crença, falaz pelo exagêro, da imensa e geral fertilidade das terras tropicais. Entretanto, os trópicos contêm grandes áreas de alta feracidade, cujas potencialidades talvez se revelem mediante cuidadosos estudos pedológicos.

Entre todos os aspectos do cenário tropical, certamente o que tem sido estudado mais de perto é o climático. Abstração feita dos numerosos climas locais e microclimas, bastará ao nosso objetivo distinguir os seis principais tipos climáticos regionais: zonas costeiras de aliseos, as ilhas banhadas por aliseos, os planaltos, os desertos, as regiões equatoriais e as terras de forte amplitude pluviométrica sazonal.

Estes tipos climáticos, ao que parece, tem prestabilidade diferente para a colonização branca. Infelizmente, porém, os fatores constituintes dos climas, a variação desses fatores em regiões distintas, e seus efeitos sobre o colono branco, continuam pontos obscuros. Os brancos tem obtido maior êxito nos trópicos mais temperados, tais como os planaltos, as ilhas e faixas banhadas por aliseos, do que nas zonas quentes e de grande amplitude pluviométrica, dos trópicos baixos. Essa constatação, juntamente com as estatísticas e as experiências de laboratório, parecem condenar como nocivas as temperaturas altas. E' variável a influência do movimento do ar. Ventos fortes poderão ser prejudiciais ao sistema nervoso, mas, segundo observações feitas em Flórida, Jamaica, Saba, Queensland e outros lugares, e, diante de numerosas experiências realizadas em laboratório, conclue-se ser muito benéfica a maior agitação geral do ar. Os efeitos da umidade são incertos, mas a maioria dos homens brancos parece abominar os sítios quentes e úmidos, encontrando-se bem poucos colonos brancos, trabalhadores, nas terras baixas equatoriais. Todavia, urge recordar que, até aqui, em tais regiões, a doença de origem parasitária é o fator maligno dominante. Pouco se sabe sobre as variações do tempo, mas as observações demonstram que a monotonia meteorológica pode bem ser nociva, e que as mutações, ao contrário, concorrem para suavizar a colonização branca, como parecem indicar as pesquisas estatísticas de HUNTINGTON. Considera-se a monotonia nos processos atmosféricos o principal inconveniente do clima de planalto tropical, embora maiores altitudes produzam também efeitos nocivos, porém, de outra natureza. Efeituaram-se alguns estudos sobre outros fatores climáticos, tais como a luz solar, a ionização e a electricidade atmosférica, mas todos com resultados incertos. E podem existir ainda outros agentes climáticos por conhecer. A despeito de seus grandes esforços, os próprios climatologistas ainda não forneceram dados suficientes para a elucidação satisfatória do alcance do fator climático na colonização branca dos trópicos.

A flora e a fauna tropicais, e seus efeitos sobre os padrões sociais e a política administrativa, foram examinados incidentalmente neste livro. Aqui, mais uma vez, a ciência está concorrendo para melhorar a situação dos colonizadores brancos. Plantas e animais tem sido selecionados e transferidos de regiões para outras, tudo isso em escala prodigiosa, dependendo, sem dúvida alguma, o desenvolvimento de imensas áreas, do progresso da ciência, o que se verificou, por exemplo, em certas zonas da Austrália, com clima caracterizado por forte amplitude pluviométrica sazonal. Todos os aspectos do problema apresentam a mesma feição. Embora já se conheça muito a respeito dos fatores mesológicos capazes de afetar os colonizadores brancos dos trópicos, ainda há muito mais a investigar.

As Reações dos Povos Brancos ao Meio Tropical

A história nos conta que numerosos grupos da raça branca invadiram os trópicos nos últimos quatro séculos. Em a maioria dos casos, não lograram constituir comunidades votadas a atividades que demandem esforço maior, inclusive e sobretudo o trabalho manual. Acresce que, as mais das vêzes, tiveram êles de recuar, ou então foram absorvidos pelos povos indígenas de côr, ou pelos negros e mestiços importados, e prontos a aceitarem padrões inferiores de vida. Contudo, ocasionalmente, sobreviveram certos grupos brancos, e, de várias feitas, pelo menos aparentemente, se adaptaram com êxito, contando-se entre êles alguns de pequena permanência nos trópicos.

Os invasores podem ser divididos em duas classes — europeus do norte e mediterrâneos. Os últimos, constituídos por espanhóis, italianos e portugueses, reagem mais favoravelmente às condições tropicais do que os brancos da Europa setentrional; e por isso tem sobrevivido em maior escala. O imigrante branco encontrou melhores vantagens de colonização no hemisfério ocidental e na Austrália que nos trópicos do velho mundo. Em áreas como as de Cuba, Puerto Rico, Costa Rica, Flórida e norte de Queensland, onde foram bem sucedidos, o clima tropical era moderado, e, em geral, esparsa a população indígena.

As invasões dos trópicos pelos brancos provaram os seguintes fatos: (1) A maioria dos grupos brancos europeus, quer de origem setentrional, quer mediterrânea, pode habitar o trópico mais moderado, é reproduzir-se por muitas gerações. (2) Nesses climas tropicais mais atenuados, o colono branco logra ocupar-se com qualquer natureza de trabalho, mesmo o manual, e, contrariamente às primeiras opiniões, o labor ou o exercício no trópico, é antes essencial à saúde. (3) Quase todos os colonos brancos dos trópicos procriam livremente com povos de desenvolvimento cultural inferior, e por eles tendem a ser absorvidos, se suficientemente numerosos. (4) Populações que se dispõem a trabalhar com mais vigor e a aceitar padrões inferiores de vida, tendem a expulsar os grupos que exigem condições mais brandas. (5) Os brancos tem sido grandemente afetados nos trópicos por fatores vários como — doenças e regimes alimentares, fenômenos econômicos, orientações políticas e econômicas, próprias, ou da administração de além-mar.

Tais fatos parecem bem definidos. A cousa é muito outra porém, quando tentamos examinar as causas dessas reações humanas em face do meio tropical. Está preche de dúvidas o problema das reações, racial e individual, às condições do ambiente tropical. Certas populações de côr, como os negros e os chineses, são, nos trópicos, mais conformados e satisfeitos do que os brancos, e estão mais propensos a aceitar padrões inferiores de vida. Assim, também, certos grupos brancos de origem mediterrânea, se dão melhor nos trópicos que os brancos do norte europeu. Entretanto, será impossível dizer se esta "superioridade" promana de características étnicas, de diferenças do desenvolvimento cultural, ou ainda da variabilidade dos ambientes tropicais ocupados pelos grupos invasores. No máximo, podemos afirmar que, por desconhecidas razões, determinados povos de côr se revelam nos trópicos superiores aos grupos brancos, verificando-se análoga gradação entre esses últimos. Este fenômeno não é, porém, peculiar ao trópico. Nos Estados Unidos, por exemplo, se observam muitos casos em que os negros suplantam os brancos, ou em que os brancos, de nível cultural inferior, excedem aos seus superiores em vários tipos de trabalho manual.

Ocorre a mesma dificuldade no tocante às reações individuais. Algumas autoridades sustentam a menor adaptabilidade do louro aos trópicos, resistindo melhor nessas regiões o tipo moreno, mas isso não passa de simples impressão, ainda por ser justificada cientificamente. Consta também que a densidade da população ou o peso demográfico, exerce relevante influência na colonização branca, mas tal fenômeno não se verifica somente nos trópicos. O malôgro da colonização permanente dos brancos em certas regiões temperadas de densa população de côr, indica a existência do mesmo problema em climas mais amenos. Contudo, o pequeno número de homens de côr, atrasados, em zonas como as do norte de Queensland e Costa Rica, facilitou inegavelmente a penetração branca nessas áreas, e não há como duvidar que os governos europeus e americanos cortejam o desapontamento e o sofrimento, quando permitem, ou mesmo estimulam, a emigração de colonos brancos para áreas habitadas por povos atrasados, de grande densidade ou em rápida expansão demográfica. A história da maioria dos trópicos americanos exemplifica esse princípio quase de ordem geral.

Ligado a essa questão está o problema do cruzamento, problema universal quando duas ou mais etnias se instalam numa mesma localidade. Ainda aqui é exíguo o que se conhece sobre o assunto com base científica. Os resultados das pesquisas de DAVENPORT e STEGGERDA, sobre a aptidão intelectual dos brancos, negros e mestiços, da Jamaica, concordam de modo geral com as conclusões de estudos análogos, feitos nos Estados Unidos, e com as observações realizadas por mestres de escola nas Índias Ocidentais, em contacto com grupos brancos, negros e mestiços de posição social semelhante. Algumas autoridades porém, negam peremptoriamente qualquer valor em estudos dessa natureza, estribados como são em simples testes da inteligência. O que parece mais lícito aceitar é que, durante certos períodos de tempo, o cruzamento de membros de grupos étnicos muito diversos, poderá dar lugar a desharmonias físicas e mentais, as quais tendem a desaparecer através de certo número de gerações. O assunto reclama mais ampla investigação, porquanto, embora parcos e sujeitos à crítica os resultados obtidos até aqui, tendem eles a demonstrar a existência de certo fundamento biológico e social nos planos nacionais de governos, planos de iniludível importância, como a política oficial duma "Austrália Branca".

Indicações há, oriundas da história, da observação e dos experimentos de laboratório, de que as temperaturas muito altas poderão prejudicar o intelecto e a memória dos adultos. A experiência derivada em Queensland e Panamá, parece apontar estarem as crianças isentas desses malefícios até a puberdade, e que essa deterioração no adulto poderá provir de fenômenos sociais, apresentando, porém, muita dificuldade o controle desses fatores em qualquer análise. Os observadores divergem se devemos imputar as reações psíquicas e as psiconeu-

roses, ao clima, ou a fatores sociais como — a vida entre populações nativas, a dependência em que se encontram os brancos dos criados nacionais, e a "neurastenia da cozinha". Pouco está claro nisso tudo. O que é mais ou menos certo, é o declínio da energia, como consequência do estágio demorado em clima tropical.

Embaraços semelhantes cercam a elucidação de outras reações do colono branco em face do meio tropical. Grupos brancos podem viver e proliferar por gerações seguidas nos trópicos moderados, parecendo que tais climas não afetam o coeficiente de natalidade, segundo atestam as estatísticas organizadas em Flórida, Cuba, Puerto Rico e Queensland. Também não se agrava em demasia a taxa de mortalidade entre brancos, onde satisfatórios: as condições sanitárias, o controle das doenças parasitárias, os regimes alimentares e os padrões de vida. Com efeito, a mortalidade no Panamá e no norte de Queensland é excepcionalmente baixa, embora se deva tomar em consideração que os brancos constituem, certamente no Panamá, e, provavelmente em Queensland, grupos selecionados.

Os ótimos resultados conseguidos pelos brancos em Queensland e Panamá foram infelizmente mal interpretados por certo número de médicos. Se graças à ciência moderna e a padrões mais altos de vida, grupos brancos lograram viver com toda a segurança numa região particularmente favorecida como Queensland, ou em campos medicamente fortificados de sítios insalubres como o Panamá, por outro lado, a malária e outras doenças permanecem invictas sobre vastas áreas tropicais. Como acontece em Flórida, as populações de côr ou de baixos padrões de vida, tornam-se verdadeiros reservatórios infecciosos para a contaminação dos brancos. Presentemente, no máximo, se poderá adiantar que a ciência tem conseguido remarcável melhoria na salubridade de determinadas zonas tropicais, mas a luta está apenas iniciada, e, até aqui, não há certeza da vitória da medicina e da higiene, especialmente em vastos tratos mais quentes do clima tropical.

Outro problema presente é o dietético. Pelo que se aprendera em Flórida e no Panamá, compreende-se a importância do assunto, e o progresso nessa seara contribuirá substancialmente para romper o círculo vicioso da pobreza, mau regime e moléstia, ainda que algumas das deficiências alimentares dos brancos nos trópicos decorram do próprio meio.

Entre outros pontos aguardando investigação está o das atitudes, racial e individual, em face do trabalho manual e do bem estar, e, particularmente, com relação aos desconfortos produzidos pela vida e as atividades nos climas tropicais. Abstração feita de todas as questões filiadas à doença, deduz-se da evidência fornecida pela história, observação, estatística e laboratório, que a maioria dos brancos e mesmo alguns grupos de côr, tem aversão aos climas quentes e úmidos, e que muitos brancos não gostam de todos os tipos do clima tropical. É inútil negarem os críticos de ELLSWORTH HUNTINGTON que tal aversão por certos climas tropicais acaba criando uma seleção natural. Segundo a ponderação de GRIFFITH TAYLOR, esse fator, aparte qualquer outra consideração, manterá áreas como a da Austrália setentrional, quase despovoadas, pelo menos até a saturação das regiões temperadas. Ignora-se quando o avanço da ciência logrará vencer esses obstáculos; o condicionamento do ar traz esperanças no futuro, mas, em contraposição, fatores econômicos, parece, restringem aquele valioso recurso às comunhões e países particularmente favorecidos.

O colono branco é contrário aos climas tropicais, não somente pelo desconforto de fatores como os que afetam o lar, mas também através da questão do exercício e do trabalho. Está agora demonstrado, ao arrempio de antigas e falazes suposições, que o exercício físico é indispensável nos climas quentes. Experiências recentes em regiões como as de Flórida e Queensland, assim como as realizadas, durante séculos, em Costa Rica e nas Índias Ocidentais, indicam que tanto o branco do norte da Europa como o mediterrâneo, se dão muito bem, até mesmo com o trabalho manual, no trópico moderado. Em vez de prejudicá-los a saúde, muito ao contrário, o esforço físico sistemático se torna indispensável à mesma. Todavia, o fato é que muitos grupos e indivíduos da raça branca tem horror ao trabalho mais pesado nos climas tropicais, o que muito concorre para impedir a colonização branca em tais áreas.

Felizmente, devemos referir as reações humanas nos trópicos, como se manifestam através de planos de governo, administrativos e econômicos, quer os da própria comunhão, quer os emanados de autoridades de além-mar. A investigação científica ainda não encontrou solução para o problema vital em torno do círculo vicioso: se o clima debilita os brancos a tal ponto que eles não podem evitar os padrões inferiores de vida, as dietas deficientes e as medidas pouco satisfatórias de ordem administrativa e econômica dos governos locais, ou, se, erguidos eles acima de todos esses óbices, não mais padeceriam as consequências

do clima propriamente. A êsse respeito aguarda-se com grande interêsse o futuro de Flórida, o do norte de Queensland e o de Costa Rica. Por outro lado, embora as nações de povos brancos, de zonas temperadas, muito hajam feito em prol de irmãos instalados nos trópicos, também, e bastas vêzes, converteram aqueles, impiedosamente, indústrias tropicais em negócios rendosos, pelo preço da destruição de economias dantes equilibradas e o abandono dos infelizes grupos locais ao seu destino. Conclue-se pois que grupos brancos de regiões como as de Queensland, Cuba e Costa Rica, devem cuidar de sua própria salvação, diversificando, êles próprios, as suas indústrias, e criando, por esforço exclusivo, sem ajuda externa, padrões de vida mais elevados.

F u t u r o Ao purista racial se depara pouco promissor o futuro do colono branco na maior parte dos trópicos, aparte a certeza do declínio da emigração branca de muitos países, consequente da atual atenuação de seus incrementos demográficos. Por tóda a extensão da América tropical, das Índias Ocidentais e da África, as populações brancas, provavelmente, serão absorvidas ou expelidas. No norte de Queensland são melhores as perspectivas. Ao primeiro relance, a provável fusão de povos brancos e de côr, poderá criar graves dificuldades sociais, e, possivelmente, algumas desharmonias biológicas. Só com o tempo, se apurará se o resultado final se enquadrará em uma produção de novos grupos étnicos adaptados ao meio tropical.

Por enquanto, muito se logrará fazer em benefício do forasteiro e do colono branco, mercê de pesquisas científicas e de medidas administrativas e econômicas calcadas nessas investigações. A história primitiva da colonização do branco nos trópicos é o relato de vidas desperdiçadas, esforços perdidos e recursos consumidos em vão, ao passo que nos anos mais recentes, entramos em período de plenas e animosas realizações. O mundo científico acabou discernindo a vastidão e a complexidade do problema. A solução dêsse problema está nas mãos dos obreiros científicos."

Êste resumo, do próprio autor, exprime bem a impressão geral, as conclusões finais, alcançadas através do balanço dado na documentação histórica e científica existente. Mas o leitor interessado não poderá formar, por tal recapitulação, a mínima idéia da riqueza da documentação usada, brilhante e habilmente selecionada dentro de inexpugnável imparcialidade. Torna-se pois indispensável a leitura, aliás muito amena, do largo e forte livro de GRENFELL PRICE, a quem, por curiosidade ou dever cultural, se proponha conhecer de perto o estado atual da importante questão da aclimação do branco nos trópicos, dependente esta não só de aspectos climáticos como de vários outros fatores.

S. F.